



Rev. Dr. Marcos Roberto Inhauser

Fone: (0XX19) 2121 5853 escrit. / 99798 6955 cel

www.inhauser.com.br / marcos@inhauser.com.br

www.pastoralia.com.br

TEXTO PUBLICADO NA COLUNA SEMANAL NO CORREIO POPULAR

GLOBALIZAÇÃO DA FAMÍLIA

Marcos Roberto Inhauser

Depois de quatro anos retorno à China. Venho pelo mesmo motivo que me trouxe a primeira vez: conhecer meu neto, o terceiro. Isto é sinal dos tempos de globalização. Fico a pensar quando me casei, há 32 anos. Meus sogros moravam a uma distância de 400 km, mas estar em contato com eles era muito mais complicado que hoje estar em contato com a filha que mora do outro lado do mundo. Quando meu neto de quase quatro anos me viu saindo da alfândega ele me reconheceu na hora, isto porque, graças à tecnologia, podemos nos falar e nos ver com muito mais frequência do que eu falava com meus pais ou meus sogros que viviam muito mais perto que minha filha e netos.

Nisto há vantagens e desvantagens. A facilidade de comunicação visual e oral, o sentimento de proximidade por poder a qualquer hora chamar e saber que estão conectados via internet, celular ou outra geringonça. A desvantagem de que a família vai perdendo o tato, o contato, o abraço, o beijo, o colo. Podemos falar, nos ver, saber em tempo real o que está acontecendo, mas faltam o colo, o carinho, o beijo, a travessura, o dormir na mesma cama do neto. Isto nenhuma tecnologia irá conseguir substituir.

Se por um lado fico assustado com a quantidade de experiências já vividas pelo meu neto de 3 anos e meio, tendo já conhecido vários países e visto uma infinidade de coisas que eu ainda não tive a oportunidade de ver, também fico assustado com a velocidade com que as coisas mudam.

Houve tempos em que o velho era repositório do saber. As cãs eram sinal de conhecimento e sabedoria. Os mais jovens se sentavam para aprender. Hoje, dada à velocidade das mudanças, temos que perguntar aos mais jovens como se faz isto ou aquilo. Ou, quando é pior, eles nos chamam a atenção porque estamos fazendo a coisa de forma errada.

Em um mundo que está ficando velho, com percentual crescente de idosos, que lugar há para eles (nós?)? Isto é de assustar: quando temos mais velhos vivendo, mais desatualizados eles estão, menos participação na sociedade têm, estão reféns da tecnologia e seus avanços. Qual o filho de mais de 40 anos que nunca teve que acompanhar seu pai a um banco para que ele possa movimentar sua conta com os cartões eletrônicos? E em um mundo em que as distâncias vão se acentuando, nem garantia de abraços e beijos podemos ser.